

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO  
CURSO DE LETRAS: LICENCIATURA LÍNGUA E LITERATURA  
JAPONESA**

**LUÍS HENRIQUE TORRES PINHO**

**A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE NIPO-BRASILEIROS NO  
DISTRITO FEDERAL: ESTUDO DE CASO DE UMA IDENTIDADE  
TRANSNACIONAL**

**BRASÍLIA  
2023  
LUÍS HENRIQUE TORRES PINHO**

# **A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE NIPO-BRASILEIROS NO DISTRITO FEDERAL: ESTUDO DE CASO DE UMA IDENTIDADE TRANSNACIONAL**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado como requisito parcial para  
obtenção do título de Licenciado em  
Letras, pelo Curso de Letras: Licenciatura  
Língua e Literatura Japonesa, da  
Universidade de Brasília.

**Orientador(a): Prof.<sup>a</sup> Dra. Yuko Takano**

**BRASÍLIA  
2023**

Data de defesa: 6 de fevereiro de 2023

## **BANCA EXAMINADORA**

Orientador(a): Prof.<sup>a</sup> Dra. Yuko Takano

---

Examinador(a): Prof. Dr. Fausto Pinheiro Pereira

---

Examinador(a): Prof.<sup>a</sup> Dra. Kimiko Uchigasaki Pinheiro

---

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer à minha mãe, Mônica, e ao meu pai, Zé Almir por anos de ensinamento, conselhos e o imensurável apoio para eu seguir com meus sonhos.

À minha avó, Nazaré, por ser um gigante no qual eu pude subir nos ombros e ver mais longe.

À minha irmã, Amanda, de quem tenho a honra de ser idêntico.

Às minhas queridas tias Vânia e Denise, meu primo Calil e minhas primas Lia e Catarina, por serem um exemplo e inspiração acadêmica dentro do meu núcleo familiar.

Minha companheira, Sílvia, por, junto com minha mãe, ter me levantado quando eu mais estava caído, e por ser a melhor amiga que vida pôde me apresentar.

Ao meu amigo Arthur, pela sincronia mútua que não vê tempo nem distância.

Agradeço à Prof<sup>a</sup>. Dra. Yuko Takano pela magnífica orientação, pela dedicação em me ajudar e por acreditar no meu trabalho, na minha ideia e na minha pesquisa.

À Prof<sup>a</sup>. Dra. Alice Joko, por toda a paciência que teve comigo desde o segundo semestre na UnB e por cada ensinamento sobre cultura, educação e ensino de língua japonesa.

Ao Prof. Dr. Marcus Tanaka de Lira, por ter orientado meu PIBIC e me introduzido ao mundo acadêmico.

Aos meus amigos do Futenipo, em especial ao Guilherme e ao Felipe, pela companhia, pelas risadas e por tornarem cada quinta-feira especial com o futebol.

Aos meus professores da Universidade de Fukui, Satoru Ibuki, Aya Sato, Dylan Jones, Koji Kobata e Yoko Kuwabara, pela enorme contribuição na minha formação como pessoa, aluno e pesquisador.

À minha psicóloga, Luísa, pela paciência e por toda a ajuda profissional que me fez capaz de escrever este trabalho.

Muito obrigado a todos.

皆様に心の底から感謝いたします。

“Não é que dentro de nós, descendentes, existe uma luta interna para procurar as raízes, mas sim, o mundo externo quer sempre saber para qual país eu torço, de qual o país eu mais gosto da comida, de qual lado da família eu sou mais próximo. E não importa qual resposta eu dê, sempre estará errada”

– Tetsuro Miyazaki

## RESUMO

Após 115 anos do início da imigração japonesa no Brasil e 33 anos do início da imigração brasileira no Japão, criou-se uma distinta “identidade nipo-brasileira”, formada através do extenso contato entre cada cultura, por vezes definidas como opostas em vários aspectos referidos por Shibuya e Serrano (2019). A imigração japonesa, iniciada em São Paulo e posteriormente espalhada para os outros estados certamente chegou em Brasília, antes mesmo da própria fundação da nova capital. O objetivo deste trabalho é pesquisar os problemas e percalços identitários de nipo-brasileiros, que por vezes, carregam o Japão como um “símbolo” frequentemente remetido ou lembrado, fazendo com que se sintam com dificuldade de pertencimento ou ao Brasil, ou ao Japão. Para a metodologia, optou pela análise qualitativa e estudo de caso. A coleta de dados foi feita através de um questionário na plataforma *Google Forms* e uma entrevista semiestruturada com 2 colaboradores nipo-brasileiros. A análise de dados mostrou que a identidade nipo-brasileira demora para ser compreendida por quem a vive, e que o outro possui um extenso papel na formação dessa identidade. No caso específico dos nipo-brasileiros, o outro geralmente costuma ser japoneses ou brasileiros não descendentes. A fundamentação teórica baseou-se nos estudos de Ishikawa (2008), Cantarino e Miura (2010), Yamanouchi (2014), Tashima (2018), Okumura (2021), entre outros. Já a metodologia foi baseada em Biasoli-Alves e Silva (1992), Takezawa, (1994), Gil (2009), entre outros

Palavras-chave: Identidade, nipo-brasileiros, transnacionalidade, problemas identitários

## **ABSTRACT**

After 115 years of the beginning of the Japanese immigration to Brazil and 33 years of the beginning of the Brazilian immigration to Japan, something that can be defined as “Japanese Brazilian identity” was created through an extensive contact between both cultures, taken as “opposites” of each other in various aspects as researched by Shibuya and Serrano (2019). Japanese immigration first started in São Paulo and later expanded to other states, reaching Brasília, even before the conclusion of the new capital. The objective of this work is to research the identity problems and mishaps of Japanese Brazilians, who sometimes carry Japan as a “symbol” often mentioned or remembered, making them feel with difficulty of belonging, either to the Brazil or Japan. Data collection was done through a questionnaire on the Google Forms platform and a semi-structured interview with 2 Japanese-Brazilian collaborators. Data analysis showed that the Japanese-Brazilian identity takes time to be understood by those who live it, and that the “other” has an extensive role in the formation of this identity. In the specific case of Japanese Brazilians, the “other” usually tends to Japanese or Brazilian non-descendants. The theoretical foundation was based on the studies of Ishikawa (2008), Cantarino and Miura (2010), Yamanouchi (2014), Tashima (2018), Okumura (2021), etc. The methodology was based on Biasoli-Alves and Silva (1992), Takezawa, (1994), Gil (2009), etc.

Keywords: Identity, Japanese Brazilians, Transnationality, Identity Issues

## 要旨

ブラジルでの日本人移民の開始から 115 年、日本でのブラジル人移民の開始から 33 年を渡ってから、渋谷・セハーノ (2019) が以前研究した通り、様々な場面で「反対同士」ととらえることのある二つの国の文化が長い間接触し合っ、特定の「日系ブラジル人アイデンティティ」が発生した。ブラジルでの日本人移民は、最初サンパウロ州で始まり、ブラジル全国に広がって新しい首都が成立される前ですえ、ブラジリアにも辿り着いた。この研究の目的は日系ブラジル人のアイデンティティによる問題や心の悩みを研究することである。日系ブラジル人のほとんどは、日本を「象徴」として背負い、他人にその象徴について考えさせ、ブラジルか日本かどちらのほうか居場所か迷い込むことがよくある。分析は質的調査方法による事例研究) である。取材は、Google Forms におけるアンケート、そして、日系ブラジル人 3 世 2 人との半構造化面接によって行われた。日系アイデンティティは、それを生かしている者に大人になるまで理解されず、そのアイデンティティを育成するには「他人」に重大な役割があると結果は示した。日系人の場合、「他人」とは、普段、非日系の方である。この研究の理論的基礎はイシカワ (2008)、カンタリーノ・ミウラ (2010)、山ノ内 (2014)、タシマ (2018)、オクムラ (2021)、その他の研究に基づいている。研究方法は Biasoli-Alves・Silva (1992)、竹沢、(1994)、Gil (2009)、その他の研究に基づいている。

キーワード: アイデンティティ、日系ブラジル人、多文化共生、トランスナショナル  
ティ

## Páginas dos Excertos

Excerto 1	23
Excerto 2	23
Excerto 3	23
Excerto 4	23
Excerto 5	24
Excerto 6	24
Excerto 7	24-25
Excerto 8	25
Excerto 9	28
Excerto 10	28
Excerto 11	29
Excerto 12	30
Excerto 13	30
Excerto 14	31
Excerto 15	31
Excerto 16	33
Excerto 17	33
Excerto 18	33
Excerto 19	34
Excerto 20	34
Excerto 21	35



Excerto 22	35
Excerto 23	35
Excerto 24	35-36
Excerto 25	36
Excerto 26	36
Excerto 27	37
Excerto 28	37
Excerto 29	38

## Sumário

1. Introdução.....	1
1.1 Problematização e justificativa .....	1
1.2 Perguntas de Pesquisa.....	2
1.3 Objetivos.....	2
1.3.1 Objetivo geral.....	2
1.3.2 Objetivos específicos.....	2
2. Contexto Histórico .....	4
2.1 Introdução.....	4
2.2 Visão Geral da Imigração .....	4
2.3 A Revisão da Lei de Imigração Japonesa .....	6
2.4 Presença de japoneses e seus descendentes no Distrito Federal .....	7
3. Fundamentação teórica .....	9
3.1 Conceitos variados de identidade.....	9
3.2 Os Processos Identitários.....	10
3.3 A Identidade Nipo-Brasileira .....	11
3.4 Problemas enfrentados por nipo-brasileiros .....	12
a) Falta de lugar de pertencimento.....	12
b) Preconceito .....	13
c) Aculturação .....	14
4. Metodologia .....	16
4.1 Análise qualitativa.....	16
4.2 Estudo de caso.....	16
4.3 Procedimento Metodológico .....	17
a) Entrevista semiestruturada.....	17
b) Análise da Entrevista semiestruturada.....	18
4.4 Contexto da pesquisa.....	19
4.5 Instrumentos aplicados.....	19
4.6 Considerações éticas .....	20
4.7 Perfil dos participantes .....	20
5. Análise de dados .....	21
5.1 Questionário .....	21

a) Estrutura do questionário .....	21
5.1.1 Análise do questionário da Colaboradora 1 .....	22
5.1.2 Análise do questionário da colaboradora 2.....	24
5.1.3 Diferenças e semelhanças entre as duas colaboradoras .....	25
5.2 Análise das entrevistas.....	26
5.2.1 Análise da entrevista da colaboradora 1.....	26
5.3 Análise da entrevista da Colaboradora 2.....	32
6. Considerações finais .....	39
6.1 Retomando as perguntas de pesquisa .....	39
6.2 Retomando os objetivos específicos .....	39
6.3 Diferenças e semelhanças entre as colaboradoras.....	39
6.4 Contribuições e entendimentos do estudo.....	41
6.5 Limitações do estudo.....	42
6.6 Sugestões de pesquisas futuras.....	42

## 1 Introdução

No ano de 2023, completam-se 115 anos do primeiro navio com imigrantes japoneses chegar ao Brasil e 33 anos da imigração brasileira para o Japão. No estágio atual, as duas culturas, ainda que vistas como bem opostas entre si em alguns aspectos, entremearam-se, criando uma distinta cultura nipo-brasileira, que há de fato pontos similares tanto com a cultura japonesa como com a brasileira, mas distinta por definição. Essa cultura é vivida tanto por descendentes de brasileiros no Japão quanto por descendentes de japoneses no Brasil, e em menor escala, também por brasileiros sem relação familiar com o Japão. Entretanto, a partir dessa mistura de culturas, surgiu também certos problemas identitários naqueles que possuem as duas identidades (brasileira e japonesa), gerando dúvidas sobre a qual cultura eles pertencem ou transitam na vida cotidiana deles, seja no Brasil ou seja no Japão. Apesar de completar mais de 100 anos no solo brasileiro, existem poucos estudos referentes à questão de identidade dos descendentes de japoneses. Vivemos no mundo cada vez mais global e diversificada, em que a diversidade cultural, identitária, linguística, dentre outros aspectos são as pautas importantes a serem discutidas tanto na academia quanto na sociedade.

### 1.1 Problematização e justificativa

A temática deste trabalho não é nova na área de japonês da Universidade de Brasília, vide recentes trabalhos de Okumura (2021) e Azevedo (2022), que analisaram questões de racismo e *bullying* nas escolas, respectivamente, contra descendentes de japoneses. Entretanto, este trabalho sobre o processo de construção da identidade nipo-brasileira e como ela influencia na vida daqueles que a possuem.

O documentário *Being Japanese* (2022), produzido por Gregory Lam e publicado no *Youtube*<sup>1</sup> apresenta que muitos, senão a maioria dos descendentes, possuem problemas identitários, sem saber com qual cultura se identificar mais e tendo problemas também em como as pessoas ao redor as veem. Tais questões identitárias com o tempo podem se desenvolver, gerando

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pmzWknYaNXg&t=2554s>

depressão, ansiedade social, sentimento de abandono, negação de identidade ou de ancestralidade e outros questionamentos pessoais, referido no documentário. Ishikawa (2008) afirma que muitos nipo-brasileiros, mesmo os vivendo no Brasil, carregam o “símbolo” do Japão em suas vidas, o que pode despertar os mesmos sentimentos negativos mencionados antes.

Baseado nisso e no documentário mencionado, entende-se que há uma problemática na mistura das identidades brasileira e japonesa misturadas, e que a maioria dos nipo-brasileiros enfrenta, possivelmente, por toda a sua vida.

Este trabalho tem por objetivo pesquisar o aspecto identitário, com intuito de averiguar, ainda que singular, a identidade nipo-brasileira. Nesses termos, espera-se dar uma clareza e uma visibilidade maior ao assunto, além de servir de base para futuros trabalhos parecidos, especialmente na área de japonês da UnB.

## **1.2 Perguntas de Pesquisa**

- a) Na visão de um nipo-brasileiro, o que é ser nipo-brasileiro?
- b) Como pode se construir a identidade nipo-brasileira de netos de japoneses?
- c) Que problemas e percalços identitários passam os nipo-brasileiros ao longo da vida escolar?

## **1.3 Objetivos**

### **1.3.1 Objetivo geral**

Pesquisar a construção identitária nipo-brasileira dos descendentes de terceira geração no Distrito Federal e quais podem ser os impactos em suas vidas escolares.

### **1.3.2 Objetivos específicos**

- a) Compreender os contextos histórico-sociais dos quais os nipo-brasileiros e seus ancestrais fazem ou faziam parte ao longo das décadas na sociedade brasileira e averiguar como isso influencia na sua própria identidade
- b) Analisar os relatos adquiridos e verificar a problemática das identidades brasileira e japonesa misturadas

- c) Comparar os relatos entre si e identificar os pontos em comum em diferentes experiências

## 2 Contexto Histórico

### 2.1 Introdução

Em 1908 aportou no Porto de Santos o navio Kasato Maru. Através de iniciativa do pioneiro Ryu Mizuno, 781 pessoas, majoritariamente das províncias de Okinawa e Kagoshima (CANTARINO e MIURA, 2008) chegaram ao Brasil para trabalhar em plantações de café, especialmente no Estado de São Paulo. O Japão incentivava a emigração para a América do Sul, e o Brasil, em virtude de suas políticas de embranquecimento (STEPAN, 2004) da época, via os japoneses como uma alternativa à imigração italiana, que já havia entrado em declínio (CANTARINO e MIURA, 2008). Passados 114 anos dessa primeira leva de imigrantes, hoje os japoneses e seus descendentes no Brasil são cerca de 2 milhões de pessoas, a maior comunidade de japoneses fora do arquipélago, segundo dados do Ministério de Relações Exteriores do Japão<sup>2</sup>.

Neste capítulo, veremos brevemente uma linha do tempo da história da imigração japonesa no Brasil e os primórdios da presença deles no Distrito Federal.

### 2.2 Visão Geral da Imigração

Segundo Suzuki (1964, *apud* ISHIKAWA, 2008), a história da Imigração japonesa no Brasil pode ser dividida em três: Primeiro Período, de 1908 a 1923; Segundo Período, de 1924 a 1941; Terceiro Período, de 1952 em diante. Durante o Primeiro Período, os imigrantes vinham principalmente das províncias do sul e do oeste do Japão, como Okinawa, Fukuoka, Kagoshima e Hiroshima. Esses imigrantes vinham basicamente para trabalhar com lavradores no interior de São Paulo. Em função do rápido crescimento urbano e populacional, o governo japonês incentivava a emigração como forma de mitigar a crescente pobreza e o excessivo êxodo rural, e os principais destinos eram a costa oeste dos Estados Unidos e do Canadá, Peru, Bolívia, Chile e Argentina (CANTARINO e MIURA, 2008). No Segundo Período, que corresponde de 1924 até 1941, o Brasil se tornou um destino primário dos imigrantes japoneses, cujas viagens passaram a ser, às vezes, custeadas pelo Governo do Estado de São Paulo, por empresas auxiliaadoras privadas (CANTARINO e MIURA 2008), ou pelo Governo Japonês (ISHIKAWA, 2008).

---

<sup>2</sup> Fonte: <https://www.mofa.go.jp/region/latin/brazil/data.html>. (em inglês) Acesso em: 25/01/2023

Foi nesse período também, que se iniciou a imigração de japoneses na Amazônia, cuja maioria constituía de imigrantes que haviam chegado inicialmente no Peru cerca de 30 anos antes (CANTARINO e MIURA, 2008). Após o corte nas relações diplomáticas entre Brasil e Japão em função dos países estarem em lados opostos na Segunda Guerra Mundial, o movimento migratório voltou em 1952, quando se iniciou o Terceiro Período. A imigração começou em São Paulo, e depois, se dispersou para as outras regiões (CANTARINO e MIURA, 2008). Hoje temos numerosas comunidades japonesas em várias Unidades Federativas, como Paraná, Pará, Amazonas, Distrito Federal, Rio de Janeiro e Pernambuco.

A maioria dos imigrantes chegou com o objetivo de enriquecer e então, voltar para o Japão. Porém, a realidade foi totalmente diferente:

Os imigrantes japoneses, ao chegarem aos seus destinos, tinham o pensamento voltado para enriquecimento rápido e retorno ao Japão. Essa ideia também era preconizada por aqueles que foram para a lavoura cafeeira em terras paulistas, porém, o panorama não era tão favorável para um enriquecimento rápido e seguro. [...] O Governo do Estado de São Paulo subsidiou parte da viagem dos imigrantes para o estado paulista, no período de 1908 a 1925, havendo algumas interrupções, principalmente pela não permanência dos imigrantes nas fazendas. Outra parcela da passagem caberia aos fazendeiros interessados nos lavradores japoneses, sendo que os fazendeiros, por sua vez, descontavam do salário do lavrador uma quantia equivalente a essa parte.

(CANTARINO e MIURA, 2008, p. 39)

Conforme a citação acima, muitos já chegavam endividados no Brasil. Sem contar os que morriam devido às más condições de higiene nos barcos durante a viagem, que costumava durar meses, ou aqueles que morriam de doenças tropicais como febre amarela, dengue e malária após chegar aqui (CANTARINO e MIURA, 2008).

Havia também preconceito por parte dos brasileiros, que no início relutava em aceitar os imigrantes japoneses como parte da sociedade brasileira. Ainda que os japoneses fossem vistos de maneira positiva por serem trabalhadores e, em geral, de pele branca, em 1946 políticos eugenistas mais fervorosos tentaram banir a imigração japonesa através de uma emenda na Câmara dos Deputados. O processo não foi para frente por apenas 1 voto, segundo a pesquisa de Cantarino e Miura (2008). Um jeito pejorativo muito utilizado para



se referir aos japoneses nesse período era “Bode”, em função do forte aroma de comidas japonesas, em especial as fermentadas, que se impregna facilmente nas roupas, cabelos e pelos faciais. Quem não estava acostumado a essas comidas associava o cheiro ao fedor de um bode, dando origem ao apelido (ENNES, 2001).

### 2.3 A Revisão da Lei de Imigração Japonesa

Em 1990, em função da baixa taxa de fecundidade e falta de mão-de-obra em alguns setores, o Japão revisou a Lei de Administração de Entradas e Saídas do Japão e de Aceitação de Refugiados, facilitando que descendentes de japoneses de até terceira geração (*sansei*)<sup>3</sup> recebessem vistos de trabalho sob o status de *teijuusha* (Residência de longo período). Dos cerca de 2 mil brasileiros que residiam no Japão em 1985, esse número subiu para 56 mil ao final de 1990 (NONAKA, 2020). A partir daí, surge o fenômeno dos decasségus, palavra de origem japonesa (デカセギ, *dekasegi*), já presente em dicionários de língua portuguesa<sup>4</sup>, que significa literalmente “sair para ganhar dinheiro”, referindo a pessoas que saem de sua terra natal para trabalhar. Quanto aos imigrantes não-descendentes, Tashima (2018, p. 75) afirma:

O fato do Japão permitir a permanência de longa estada para atividades econômicas apenas aos descendentes e seus respectivos cônjuges, a população brasileira não descendente é uma pequena minoria no país, representada pelos estudantes internacionais, executivos expatriados e profissionais ligados ao governo, seja através de embaixadas ou consulados.

Ainda segundo Nonaka (2020), o número de brasileiros no Japão atingiu seu pico em 2007, com 316.967 pessoas, mas após a quebra do Banco Lehman Brothers em 2008, muitos estrangeiros perderam o emprego, e esse número caiu a 173.473 até 2015, quando voltou a subir novamente devido à crise econômica brasileira. Atualmente existem 207.081 pessoas de origem brasileira<sup>5</sup> no Japão (antes da Pandemia de Covid-19 eram 211.677), segundo

---

<sup>3</sup> Issei: aquele que nasceu no Japão e imigrou para o Brasil; Nisei: filho de pai ou mãe japonesa nascido no Brasil; Sansei: neto de japoneses nascido no Brasil; Yonsei: bisneto de japoneses nascido no Brasil.

<sup>4</sup> Fonte: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=decass%C3%A9gui>. Acesso em: 25/01/2023

<sup>5</sup> Fonte: [https://www.moj.go.jp/isa/publications/press/13\\_00028.html](https://www.moj.go.jp/isa/publications/press/13_00028.html) (em japonês). Acesso em: 25/01/2023

dados do Ministério da Justiça japonês. Um curioso e recente fenômeno também descrito por Nonaka (2020), é o de que muitos dos brasileiros que eram demitidos após a crise econômica de 2008 eram os que possuíam vistos de *teijuusha* (residência de longo período). Isso fez com que brasileiros com status de *eijuusha* (residência permanente), antes minoria, passassem a ser maioria, fato que permanece até hoje. Segundo a pesquisadora, em 2007 os que possuíam o visto de residência de longo período eram 148.582 pessoas, e os de residência permanente eram 94.358. Já em 2019, os vistos de longa permanência eram 69.035, e os de residência permanente eram 112.934. Isso demonstra que há uma forte tendência dos brasileiros cada vez mais permanecerem no Japão e não voltarem para o Brasil. Evidencia-se isso também em um documento feito pelo Conselho dos Cidadãos de Tóquio, uma associação de Brasileiros residentes na província. O documento, chamado Declaração de Yokohama<sup>6</sup>, que começa com a frase “A era dos decasségui acabou – Escolhemos ficar no Japão”, foi redigido para propor reflexões sobre o papel dos brasileiros na sociedade japonesa e reforçar a intenção destes de permanecer no arquipélago, demonstrando na prática os números supramencionados. O documento foi entregue aos governos tanto do Brasil quanto do Japão.

#### **2.4 Presença de japoneses e seus descendentes no Distrito Federal**

A presença de japoneses em Brasília remonta a até mesmo antes da inauguração da Capital Federal. Em 1958 os japoneses e seus descendentes eram cerca de 400 mil pessoas no ano de 1958, e, mesmo com a comunidade nipo-brasileira ainda relativamente fechada para quem não era japonês ou descendente, o resto da sociedade brasileira já via os japoneses com bons olhos, em especial por serem considerados honestos, trabalhadores e empenhados (HAYASHI, 2008, p 107).

As principais fontes de documentação da presença nipo-brasileira em Brasília são trechos de jornais. A primeira notícia sobre japoneses na nova capital nos registros pesquisados foi publicada no Diário Carioca no dia 01 de

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.alternativa.co.jp/Noticia/View/49265/Fim-da-era-decassegui-e-decretado-pelo-Conselho-de-Toquio#:~:text=T%C3%B3quio%20%2D%20Passados%2025%20anos%20da,chamada%20%E2%80%9Cera%20dos%20decass%C3%A9guis%E2%80%9D>. Acesso em: 25/01/2023

agosto de 1957. De nome Cinturão Verde, a nota jornalística reproduzida abaixo trata da instalação das primeiras famílias japonesas vindas de outros estados no cinturão verde pelo Instituto Nacional de Imigração e Colonização (INIC):

*Cinturão Verde – Japoneses já estão instalados*

*Já se instalou em Brasília o primeiro grupo de famílias japonesas que cuidarão do cinturão-verde da futura Capital do País. Essas famílias foram localizadas pelo instituto nacional de imigração e já iniciaram o preparo da terra e das sementeiras [...]. Diário Carioca – 01/08/1957*

(HAYASHI, 2008, p. 106)

Ao longo dos anos seguintes, inúmeras famílias nipo-brasileiras continuaram a chegar ao Distrito Federal, vindas em particular do Estado de São Paulo, para trabalhar na lavoura (HAYASHI, 2008). Hoje, ainda é bem forte a presença de nipo-brasileiros em comunidades agrícolas na Capital, como em Brazlândia, Vargem Bonita e Planaltina, colônias essas que deram muito certo, como descreve Hayashi:

Massa humana formadora e iniciadora do cinturão verde de Brasília, os descendentes nikkeis foram os principais responsáveis pelo desenvolvimento da horticultura local e hoje continuam presentes e atuantes no setor agrícola da capital. Tiveram tão grande êxito que anos mais tarde passaram a exportar para regiões vizinhas o excesso da produção.

(HAYASHI, 2008, p. 109)

Atualmente, a comunidade nipo-brasileira em Brasília, ainda que em menor número comparando com outros estados, como São Paulo e Pará, é atuante e presente, em escolas de línguas, associações culturais, festivais e na Universidade de Brasília.

### **3 Fundamentação teórica**

Após a imigração dos japoneses ao Brasil, a cultura japonesa encontrou-se com a cultura brasileira. Os descendentes daqueles que um dia vieram para cá com a intenção de ter sucesso financeiro cresceram dando continuidade às duas culturas. As identidades se misturaram, e hoje há uma cultura nipo-brasileira presente tanto no Japão quanto no Brasil. Nesta sessão veremos um pouco sobre os conceitos de identidade cultural e a fim de explicarmos sobre as identidades misturadas dos nipo-brasileiros.

#### **3.1 Conceitos variados de identidade**

Nas ciências humanas, o conceito de identidade é explorado de várias formas, como por exemplo (SILVA, 2005, p. 29):

- 1) nos estudos do ser e da singularidade pessoal como na psicanálise.
- 2) nos estudos da identidade coletiva e social (como de grupos étnicos, sociais, linguísticos e profissionais), presente na antropologia e às vezes, na linguística.
- 3) nos estudos de identidade vivida e relacionada, que explora a natureza relacional de identidade, que estão presentes na psicossociologia e na sociologia compreensiva

Este trabalho terá o foco no terceiro conceito, sobre a natureza relacional das identidades, com o segundo conceito, que fala sobre as identidades coletivas e sociais, sendo explorado brevemente. Segundo Mead (1963, *apud* Silva, 2005) a interação humana se apresenta como protagonista na definição da identidade. A ação humana de se comunicar frente a frente com o outro sem se limitar a normas sociais ou culturais e reconhecendo o papel do indivíduo na formação da identidade é fundamental no processo de formação de identidade (SILVA, 2005). Elias (1991, *apud* SILVA, 2005) foi mais direto em reconhecer isso ao afirmar que não há a identidade do eu, sem a identidade do nós, não há identidade sem alteridade. Ou seja, processos identitários passam primeiro sempre pela socialização. Aplicando isso à realidade dos nipo-brasileiros, sabe-se que muitos têm dificuldade de entender ou aceitar a própria identidade (SHIBUYA e SERRANO 2019) e muitos veem na comparação do nipo-brasileiro com o japonês, ou do nipo-brasileiro com o brasileiro, uma resposta ou um guia para entender a própria identidade, como vamos ver logo à frente.

### 3.2 Os Processos Identitários

Ennes e Marcon (2014) afirmam que fora e até mesmo dentro da academia o termo “identidade” acaba sendo utilizado de uma maneira rígida, um tanto quanto limitada, como se identidade fosse algo fixo usado para agrupar pessoas de acordo com sua cor de pele, língua, cultura, lugar onde nasceu. Como mencionado antes, o contato da cultura japonesa com a brasileira fez criar uma distinta cultura nipo-brasileira, algo que já demonstra que identidade não é algo imutável, mas sim maleável, contínuo e influenciável por mudanças sociopolíticas, de acordo com o tempo e o espaço onde elas tomam forma, algo corroborado por Souza:

Repensar a alteridade conduz, necessariamente, ao exame do problema da identidade, assim como traz implícita uma série de associações binárias, ligadas às categorias de razão e instinto, nação e indivíduo, universal e particular, e assim por diante. Seguindo esse raciocínio, entende-se que a noção de identidade cultural estaria em concordância com as transformações sociopolíticas, construindo-se ora como efeito, ora como participação simultânea dessas mudanças.

(SOUZA, 2017, p. 34)

Ennes e Marcon possuem o mesmo pensamento, ambos defendem o uso do termo “identidade”, e a análise de processos identitários, não apenas como elementos mutáveis, mas justamente como produto de contextos sociopolíticos geradores de estratificação, hierarquização e localização, e, até mesmo, de transgressão social (ENNES e MARCON, 2014).

Ainda com Ennes e Marcon (2014, p. 277), ambos pensaram em quatro parâmetros para a análise de processos identitários. São eles:

- a) os atores sociais de algum modo articulados a grupos;
- b) os motivos de disputas de pertencimento ou não a tais grupos;
- c) os elementos morais e normativos que regulam o meio pelos quais estes atores entram em interação pelo que disputam; e
- d) os contextos históricos e sociais nos quais são produzidos e, ao mesmo, contribuem para sua produção.

### 3.3 A Identidade Nipo-Brasileira

Após o inicial choque de culturas e décadas de presença tanto japonesa no Brasil quanto brasileira no Japão, surge de fato uma identidade nipo-brasileira. Yamanouchi (2014) define que a grande maioria dos nipo-brasileiros, em especial aqueles que nasceram no Brasil e vivem no Japão (mas também quem já morou no Japão e atualmente mora no Brasil), constroem uma identidade transnacional.

Por identidade transnacional, entende-se que possuem ela aquele suque ainda que vivem em um país diferente do qual nasceram, os laços com a terra natal não são cortados tão facilmente, ou seja, muitos continuam mantendo frequente contato com parentes no Brasil, consumido entretenimento do Brasil.

Inclusive, em alguns casos a língua portuguesa também é repassada para as próximas gerações, inclusive aos que nasceram no Japão, sob um contexto de valorização e manutenção das raízes (YONAHA, 2016, p. 2), ainda que tenham dificuldades nisso. Tal fato gera uma certa união na comunidade brasileira no Japão, vivendo próximos uns dos outros e tendo toda uma cadeia de serviços para auxiliá-los, como lojas brasileiras, supermercados brasileiros e até mesmo escolas brasileiras, como alternativa para aqueles que não conseguiram se adaptar às escolas japonesa (BUGARIN, 2017, p. 2-3).

Um possível motivo dessa identidade transnacional, deve-se ao fato de que muitos descendentes de japoneses no Brasil carregam em si o Japão como um símbolo (ISHIKAWA, 2008), ou seja, nascem no Brasil, falam português, possuem costumes culturais tipicamente brasileiros, mas seja pela aparência, pelo nome e sobrenome ou meramente pela origem, são vistos e referidos por outros brasileiros como “japoneses”. Ao irem para o Japão a maioria deles se depara com um lugar diferente do qual imaginavam, ou do qual seus ancestrais os contavam (ISHIKAWA, 2008). O “símbolo” do Japão cai por terra: se no Brasil eles eram vistos como japoneses, no Japão são vistos como brasileiros, o que gera questionamentos da própria identidade, e que são passados também para as próximas gerações.

Shibuya e Serrano (2019) perceberam que muitos jovens nipo-brasileiros possuem questionamentos identitários desde cedo, mas não entendem muito

bem como lidar com isso. Em seus relatos, alguns não entendem muito bem o que é uma identidade nipo-brasileira, ou pensam em termos binários: ou você é japonês, ou você é brasileiro, não há meio termo, não há mistura. Alguns também definem a sua própria identidade baseado em ausências de características associadas a brasileiros ou a japoneses, como por exemplo: um se diz japonês por que não é “brincalhão”, “alegre”, “sincero” ou “não gosta de futebol”, o que é associado ao Brasil, ou ainda um pode se definir como brasileiro porque não é “fechado”, “honesto”, “trabalhador” ou “estudioso”, algo associado ao povo japonês. São as chamadas identidades situacionais (LINGER, 2001, *apud* SHIBUYA e SERRANO, 2019), que variam muito de acordo com o tempo e o espaço e dependem muito da oposição para se definirem. Algo também corroborado por Ennes e Marcon:

Os processos de localização social caracterizam-se, também, pela produção da diferença e do sentimento de pertencimento, de indivíduos e de grupos sociais, dando origem, em suas relações, às identificações. Essas relações são mediadas por fronteiras materiais ou simbólicas que funcionam como elementos definidores e demarcadores do eu/nós e do nós/outros.

(ENNES e MARCON, 2014, p. 289)

Desta forma entende-se a identidade nipo-brasileira como uma expressão cultural transnacional minoritária que possui extensões tanto da cultura brasileira, quanto japonesa, mas que em geral, vive paralelamente a ambas. E muitos dos descendentes possuem dificuldades para entendê-la ou mesmo aceitá-la, levando tempo na vida de uma pessoa para amadurecer essa identidade.

### **3.4 Problemas enfrentados por nipo-brasileiros**

#### **a) Falta de lugar de pertencimento**

Retomando o que foi dito anteriormente baseado em Ishikawa (2008), muitos descendentes entram num “limbo identitário”, ou seja, no Brasil eram sempre vistos como japoneses, e no Japão, são vistos como brasileiros. Muitos dos nipo-brasileiros sentem que onde quer que estejam, serão vistos como *outsiders*, provocando uma forte perda de significação da identidade ao notarem isso. Adicionando o pensamento de Yamanouchi (2014), ao voltar ao Brasil, esse tipo de dificuldade continua. Para os mais jovens existe a

dificuldade de se adaptar imediatamente à escola brasileira, a qual não possui nada nos termos de educação para retornantes ou repatriados.

Yamanouchi (2014) afirma que os descendentes viram na internet um espaço propício para o contato com outros nipo-brasileiros e compartilhamento de experiências. Isso não é sem precedente, tanto que, ainda segundo Yamanouchi, a expansão do uso da internet no Japão nos anos 90 foi mais rápida entre os brasileiros do que o resto da população, em função da praticidade que se tinha para conversar com parentes no Brasil.

Goffman (1988) afirma que os estigmas e os estereótipos são fatores centrais que causam dúvidas de identidade. Segundo ele, quando um grupo específico sofre uma estratificação social, por vezes indivíduos tomam atitudes que condizem com os estereótipos, para não se sentirem excluídos ou marginalizados e os que não seguem essa conduta esperada pelo resto da sociedade, nega a própria relação com o grupo. Okumura (2021) afirma que nesse contexto surge a negação (ou as dúvidas) da identidade nipo-brasileira, e por consequência, a sensação de ausência de um lugar de pertencimento, sendo o ambiente externo (não nipo-brasileiros) um dos principais atores neste processo.

## **b) Preconceito**

Okumura (2021) explora a situação racial dos nipo-brasileiros no Brasil. Segundo ela é comum o fenômeno das microagressões contra descendentes de japoneses, ou seja, preconceito e racismo velados em piadas ou brincadeiras, e esse tipo de preconceito velado dificulta a identificação do problema, como descreve Okumura:

Quando ocorrem situações em que o preconceito e as microagressões são emitidos em forma de “piadas”, o processo de identificação da problemática real é dificultado e se torna mais difícil falar sobre o constrangimento sofrido em resultado dessa comicidade, pois é possível “justificar” que era apenas uma brincadeira, como exemplificado na citação. Em algumas situações, até quem é apelidado sorri, por ser a única opção que vai provocar tensões ou não vai possibilitar um julgamento por aqueles que apelidam, com a justificativa da falta de “senso de humor”.

(OKUMURA, 2021, p. 9)

Yamanouchi (2014) ainda menciona como descendentes no Brasil recebem apelidos pejorativos como “olho puxado” ou “japa” reforçando os estereótipos e suas características fenotípicas), além de reduzir a identidade daquela pessoa



à sua aparência ou à origem da família, podendo até negar-lhe mesmo espaço na sociedade brasileira.

### **c) Aculturação**

De acordo com Rodrigues (2016), a aculturação se define como “o processo de contato entre grupos de indivíduos de culturas diferentes, que provocam mudanças em sua cultura original, necessitando formas de adaptação para que seja bem-sucedida”. É importante discernir os termos aculturação e assimilação, sendo o primeiro um amplo fenômeno que inclui uma série de processos e consequências grupais e individuais e o segundo uma fase desse processo de aculturação ou uma maneira dos grupos lidarem com os encontros interculturais (TASHIMA, 2018).

A primeira grande barreira para a aculturação dos brasileiros no Japão e choque cultural imediato é a língua. Kato et al. (1992, *apud* TASHIMA, 2018, p. 75) apontam que um bom conhecimento da língua japonesa por parte de um descendente geralmente está associado a um desejo maior de permanecer no Japão, já que representa maiores chances de sucesso profissional. No caso de baixo conhecimento da língua japonesa, o desejo de voltar ao Brasil costuma ser mais presente.

Suguiura (2009, *apud* TASHIMA, 2018) descreveu que o fato de que muitos dos brasileiros no Japão estão diretamente ligados a agências recrutadoras que agem como intermediador entre o trabalhador e a empresa contratante, aliado às longas jornadas de trabalho que os brasileiros costumam experienciar lá, acaba por minar iniciativas de aprendizado da língua. Ou seja, falta de tempo e pouca motivação contribuem para um pouco avanço no aprendizado da língua japonesa por parte de muitos brasileiros, em especial os de terceira e quarta geração que não aprenderam a língua com os pais ou avós.

Em adição à língua japonesa, outra barreira enfrentada pelos brasileiros no Japão é a cultura. Hábitos, costumes, vestimenta, higiene, método de separação do lixo, culinária, leis de trânsito, tudo isso gera estranhamento entre as culturas. Até mesmo gestos e linguagem não verbal comuns entre brasileiros podem ser considerados excessivos e ofensivos para os japoneses (WATANABE, 2008, *apud* TASHIMA, 2018). Segundo Tashima (2018) em

ambiente e trabalhos compartilhados, como fábricas ou obras, brasileiros veem os japoneses como frios, distantes e desconfiados, enquanto os japoneses costumam ver os brasileiros como antipáticos, desrespeitosos e irônicos.

## **4 Metodologia**

Nesta sessão, serão explicados todos os procedimentos metodológicos que subsidiam os parâmetros para a coleta de dados, que será analisada a com base na fundamentação teórica.

### **4.1 Análise qualitativa**

Takezawa (1994) afirma que pesquisas que tratam de identidades étnicas devem ser conduzidas apenas com análises qualitativas, em função de que muito do que é visto são sentimentos (dúvidas de identidade, felicidades, dores, preocupações) que não podem ser medidos com números dada a alta subjetividade dos dados. Neste tipo de pesquisa faz-se necessário o entendimento justamente dos contextos dos colaboradores. Como dito por Lüdke e André (1986, p. 12): “Ao considerar os diferentes pontos de vista dos participantes, os estudos qualitativos permitem iluminar o dinamismo interno das situações, geralmente inacessível ao observador externo”.

Para a análise qualitativa foi elaborado um formulário na plataforma *Google Forms*, contendo informações sobre a pesquisa, perguntas sobre informações pessoais do colaborador, perguntas objetivas sobre identidade e perguntas subjetivas sobre identidade.

### **4.2 Estudo de caso**

Como veremos a situação identitária específica de colaboradores nipo-brasileiros, a natureza deste trabalho é a de estudo de caso, a qual segundo Gil (2009), possui inúmeras definições. Yin afirma que o estudo de caso é um estudo empírico que investiga um fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade, quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidas e no qual são utilizadas várias fontes de evidência (2005, *apud* GIL, 2009), enquanto que Gerring define como um estudo profundo de uma simples unidade (ou fenômeno relativamente limitado) em que o objetivo do pesquisador é elucidar características de uma classe mais ampla de fenômenos similares (2004, *apud* GIL, 2009). Ambas as definições não necessariamente se anulam, pelo contrário, se complementam, de certa forma. Para este estudo sobre identidade nipo-brasileira, em função de ser um assunto com ocorrência de dados amplamente subjetiva e por não ter sido

muito explorado até o presente momento, o estudo de caso aparece como um método de análise prático para temas assim.

### **4.3 Procedimento Metodológico**

#### **a) Entrevista semiestruturada**

Em paralelo ao formulário no Google Forms contendo perguntas subjetivas e objetivas, o segundo método de coleta de dados para esta pesquisa será a entrevista semiestruturada. Por entrevista semiestruturada, entende-se uma entrevista com uma certa orientação (VERMESCH, 1996 *apud* SILVA), que pode ser um número específico de perguntas, por exemplo, mas que não tem necessidade de seguir rigidamente essa orientação, podendo por exemplo, definir a ordem das perguntas durante a entrevista, excluir e adicionar perguntas de acordo com o fluxo. Segundo Silva (2005), é importante também dar atenção à comunicação não-verbal e a pontos que não tratam da entrevista, mas se relacionam com ela, como por exemplo: o local e horário da entrevista têm de ser agradáveis tanto para o investigador quanto para o colaborador e previamente acordados. E, ainda, devem ser respeitadas as perguntas que o colaborador não queira responder, independente do motivo. Bogdan e Biklen (*apud* SILVA, 2005) afirmam que um dos principais benefícios dessa técnica é como ela permite ao investigador analisar da própria linguagem, tendo um contato mais direto com como os sujeitos interpretam o mundo. Segundo Valles (*apud* SILVA, 2005, p. 79) as principais vantagens da entrevista semiestruturada são:

- i) a possibilidade de acesso a uma grande riqueza informativa, contextualizada e através das palavras dos actores (*sic*) e das suas perspectivas;
- ii) a possibilidade de os investigadores esclarecerem alguns aspectos no seguimento da entrevista, o que a entrevista mais estruturada ou o questionário não permitem;
- iii) é geradora, na fase inicial de qualquer estudo, de pontos de vista, orientações e hipóteses para o aprofundamento da investigação, a definição de novas estratégias e a selecção (*sic*) de outros instrumentos.

Desta forma entende-se que a entrevista semiestruturada é um ótimo meio para conseguir relatos das experiências de identidades de nipo-brasileiros.

### **b) Análise da Entrevista semiestruturada**

Biasoli-Alves e Silva (1992) exploram as frequentes dificuldades que pesquisas qualitativas enfrentam na análise dos dados, como Campos (1984, *apud* BIASOLI-ALVES e SILVA, 1992) que descreve nem sempre existe garantia de que o trabalho, nessas modalidades, venha a constituir conhecimento e pensamento crítico da realidade, transformando, por vezes, a pesquisa qualitativa em exercício de “camaradagem e ativismo”. Tendo isso em mente, as pesquisadoras (BIASOLI-ALVES e SILVA, 1992, p. 63-68) elaboraram três tópicos centrais para a análise de pesquisas qualitativas e aplicáveis a entrevistas semiestruturadas. São esses tópicos:

- I- Necessidade de obter dados dentro de um contexto, que seria, segundo as pesquisadoras, definir os pontos de interesse do pesquisador, e que eles estejam em vinculados à sua fundamentação teórica e seu prévio contato com a realidade do item observado.
- II- Sistematização de Dados, também chamado por alguns pesquisadores como “afunilamento”, que consiste em selecionar os dados interessados ao estudo no meio de um “mar” de dados que a entrevista semiestruturada costuma gerar. Para esse “afunilamento” é necessário que o pesquisador primeiro, retome o problema de pesquisa e indagações; segundo, gere conexões com a fundamentação teórica; terceiro, mostre suas evidências e consistências sobre o tema abordado.
- III- A Composição dos resultados pela redação, que significa redigir, concretizar a análise qualitativa. Para isto pode-se elencar tópicos e temas baseado na fala dos sujeitos e no conhecimento do pesquisador a respeito do assunto. Com isto o pesquisador trança informações e recorre ao conhecimento de diversas áreas afins, sem utilizar de qualquer “achismo”. O pesquisador deverá ser fiel

ao problema que aborda, delimitando-se pela realidade expressa pelos sujeitos.

#### 4.4 Contexto da pesquisa

A pesquisa foi realizada com duas nipo-brasileiras residentes do Distrito Federal. Para coleta de dados foram utilizados os seguintes instrumentos:

- 1) **Questionário** aplicado através do *Google Forms*, a ser respondido *online* e que serviria de base para a posterior entrevista, a ser realizada presencialmente. O questionário foi enviado à **Colaboradora 1** no dia 29 de dezembro de 2022 às 22:32 e respondido pouco tempo depois. A entrevista foi realizada no dia 8 de dezembro de 2022 a partir das 18:30 e durou cerca de 1 hora e 47 minutos. No caso da **Colaboradora 2**, o questionário foi enviado quase que ao mesmo tempo que à Colaboradora 1 e respondido no dia 11 de dezembro de 2022, sem informação quanto ao horário.
- 2) **Entrevista** inicialmente havia sido marcada para o dia 13 de dezembro de 2022 no período da tarde, mas o autor testou positivo para covid-19, e por questões de segurança de saúde, foi adiada para 22 de dezembro de 2022, onde foi realizada normalmente a partir das 11:00 e durou cerca de 1 hora e 20 minutos.

#### 4.5 Instrumentos aplicados

1) **Questionário:** foi aplicado inicialmente um questionário na plataforma *Google Forms* contendo 4 seções: a 1ª, de instruções e avisos sobre o formulário a condução na pesquisa de um modo geral, a 2ª, de perguntas sobre informações pessoais sobre o colaborador, 3ª, de 10 questões objetivas sobre identidade cultural e linguística nipo-brasileira a 4ª e última seção, com 4 perguntas subjetivas sobre o mesmo tema. Após a aplicação do questionário foi realizada uma entrevista, seguindo o modelo semiestruturado mencionado acima.

2) **Entrevista:** foi aplicado de forma presencial e teve áudio e vídeo gravados com o dispositivo de câmera de um computador pessoal para posterior consulta, transcrição a análise dos dados. Cada colaboradora foi entrevistada individualmente em momentos separados.

#### **4.6 Considerações éticas**

Embora nenhuma das participantes tenha pedido nada no sentido de anonimato, optou-se por ocultar o nome de ambas, sendo referidas neste trabalho apenas como “Colaboradora 1” e “Colaboradora 2”. No questionário foi feita uma seção específica para explicar a condução deste e da posterior entrevista, e foi garantido que quaisquer dados coletados através do formulário e da entrevista não seriam utilizados para nada que fosse de objetivo acadêmico ou educacional. Ambas assinaram, no mesmo questionário *online*, um termo de consentimento com os termos da condução da pesquisa.

#### **4.7 Perfil dos participantes**

Como estudo de caso, inicialmente o autor contatou 3 pessoas para ajudar na pesquisa, mas apenas 2 pessoas, do sexo feminino, se mostraram dispostas a ajudar na pesquisa. Colaboradora 1 é estudante, tem 27 anos, é natural de São Paulo, e é residente do Distrito Federal. É de terceira geração de japoneses, e morou no Japão dos 5 anos até os 15 anos de idade. Colaboradora 2 é estudante, tem 23 anos, e é natural do Distrito Federal. É de terceira geração de japoneses e morou no Japão dos 2 anos até os 12 anos de idade. Procurou-se buscar histórias de imigração recentes o suficiente para que os sujeitos possam relatar. Como pessoas com bisavós japoneses podem já não ter muito contato com o Japão, ou ter convivido com esses, priorizou-se pessoas de com avós japoneses, *sansei*.

## **5 Análise de dados**

Neste capítulo será apresentada a análise e interpretação dos dados obtidos através dos formulários e das entrevistas à luz da fundamentação teórica. As análises serão divididas em duas partes: primeiro o questionário e depois a entrevista, e novamente subdividas, analisando cada colaborador separadamente.

### **5.1 Questionário**

O questionário serviu para a análise qualitativa do estudo de caso, baseado em Gil (2009) e Lüdke e André (1986).

De acordo com a pesquisa de Yamanouchi (2014) que define a cultura nipo-brasileira como uma cultura transnacional, as perguntas elaboradas no questionário fazem referência a isso, com o propósito de investigar a experiência da transnacionalidade, isto é, a dupla vivência da cultura japonesa e brasileira, por parte dos nipo-brasileiros participantes da pesquisa. Outros itens investigados no questionário incluem retomadas das ideias de: Yamanouchi (2014) e Tashima (2018) sobre a questão da inclusão na sociedade brasileira e na japonesa; Shibuya e Serrano (2019), sobre dúvidas identitárias e identidades situacionais; Okumura (2021), sobre os rótulos na identidade cultural; e Tashima (2018) sobre a questão da aculturação.

#### **a) Estrutura do questionário**

O questionário continha 10 perguntas objetivas, sendo que nas perguntas i) e j), o colaborador poderia marcar mais de 1 opção, e 4 perguntas subjetivas em que o colaborador escrevia sua própria resposta. Da pergunta a) até a pergunta e), as alternativas eram “sim” ou “não”. Nas perguntas f) e g), as alternativas eram “brasileira”, “japonesa” ou “nipo-brasileira”. Na pergunta h), as alternativas eram “português” ou “japonês”. Nas perguntas i) e j), as alternativas eram “língua”, “família”, “amizades”, “comunidade”, “culinária”, “entretenimento”, “esportes”, “literatura”, “tradições”, “hábitos”, “religião”, “dança” e “outros”.

#### **1) Perguntas objetivas**

- a) Você se sente incluída na sociedade brasileira?
- b) Você se sentia incluída na sociedade japonesa, quando estava lá?



- c) Alguém já questionou sua origem, nacionalidade ou cultura?
- d) Você já teve dúvidas se era brasileira ou japonesa?
- e) Você já foi rotulada indesejavelmente pela sua origem?
- f) Quando você estava no Japão, como mais se identificava?
- g) Atualmente no Brasil, como você mais se identifica?
- h) Você considera que possui mais proficiência geral em qual língua?
- i) Em quais aspectos da vida pessoal você se identifica como japonesa?
- j) Em quais aspectos da vida pessoal você se identifica como brasileira?

## **2) Perguntas subjetivas**

- a) Para você, o que é ser nipo-brasileiro?
- b) Como foi seu processo de aculturação após chegar ao Brasil?
- c) Para você, como se define uma pessoa japonesa?
- d) Para você, como se define uma pessoa brasileira

### **5.1.1 Análise do questionário da Colaboradora 1**

Pelas respostas, a Colaboradora relata não se ter se sentido incluída na sociedade japonesa e nem na sociedade brasileira atualmente, ainda que no Japão se identificasse como brasileira e aqui no Brasil se identifique como nipo-brasileira. Ela também relata que já teve a origem, nacionalidade ou cultura questionadas por outras pessoas, embora não tenha experienciado rótulos estereotipados. A colaboradora marcou no questionário que possui mais proficiência linguística em português do que em japonês, ou seja, mesmo estando mais de uma década longe do Brasil, a colaboradora não esqueceu o que tinha aprendido nos primeiros anos da infância no Brasil e teve continuidade dos estudos de língua portuguesa incentivados pela família. Isto é algo que pode ser compreendido com Yonaha (2016), sobre o ensino da língua portuguesa para gerações de jovens brasileiros no Japão sob um contexto de valorizações das raízes. Conforme relatado posteriormente na entrevista, a mãe da colaboradora não falava japonês muito bem, pois tinha o objetivo de voltar ao Brasil eventualmente. Isso pode ser entendido com Tashima (2018), que menciona que um conhecimento maior de japonês se relaciona com mais chances de ficar no Japão, e um conhecimento menor se relaciona com mais chances de voltar ao Brasil. Ou seja, a Colaboradora não perdeu contato com a língua portuguesa durante a infância e adolescência no Japão por sua mãe não

ter o intuito de permanecer no Japão (embora a colaboradora também tenha aprendido e saiba falar a língua japonesa normalmente). Quanto aos aspectos da vida pessoal relacionados à cultura, a colaboradora afirma que se sente “brasileira” apenas na língua, por conseguir falar melhor o português do que o japonês, enquanto na questão da família, comunidade, culinária, entretenimento e tradições, ela se sente “japonesa”.

Nas perguntas subjetivas, na pergunta sobre o que é ser nipo-brasileiro, a colaboradora escreve:

Excerto 1:

É ser descendente, preservando as raízes.

Sobre o processo de aculturação ao voltar para o Brasil, ela responde:

Excerto 2:

Foi processo difícil, perdi um ano da escola tentando me adaptar. Não sentia que pertencia a esse lugar e o que mais me acolheu foi fazer amigos dentro da comunidade japonesa da minha cidade natal.

Sobre o que é ser japonês, ela responde:

Excerto 3:

Uma pessoa que nasceu no Japão e tem pais japoneses.

Sobre o que é ser brasileiro:

Excerto 4:

Alguém que nasceu no Brasil ou que adotou o Brasil como a sua terra.

Esta resposta demonstra uma visão de que é mais flexível e fácil alguém ser brasileiro do que ser japonês.

Por fim, pelo questionário percebe-se que a colaboradora demonstra que, apesar de ter bastantes hábitos considerados tipicamente japoneses, saber falar a língua japonesa, e não se sentir muito relacionada com o Brasil, ela não se sente japonesa. Os motivos disso foram aprofundados na entrevista.

### **5.1.2 Análise do questionário da colaboradora 2**

Quanto à colaboradora 2, esta relata que se sente inclusa na sociedade brasileira, mas não se sentia inclusa na sociedade japonesa quando estava lá. Ela relata também que não teve a origem nacionalidade ou cultura questionadas, já duvidou se era brasileira ou japonesa, já recebeu rótulos por causa da origem e considera que possui mais proficiência na língua japonesa. Quanto a identidade, em ambos os períodos, tanto no Brasil, quanto no Japão, a colaboradora sempre se identificou como nipo-brasileira. Sobre aos aspectos da vida pessoal, ela se identifica como “japonesa” na Língua, comunidade, entretenimento, literatura e tradições, e “brasileira” nas amizades e nos hábitos.

Já nas perguntas subjetivas, a colaboradora, sobre o que é ser nipo-brasileiro ela afirma:

Excerto 5:

Ser nipo-brasileiro é compreender a nossa origem, uma origem cultural carregada de costumes japoneses e brasileiros.

Sobre seu processo de aculturação após voltar para o Brasil:

Excerto 6:

Não tive muito problema em falar e entender. Porém, por ter uma cultura totalmente diferente do que eu estava acostumada, tive muita dificuldade no processo de aculturação.

Sobre ser o que é ser brasileiro, sua opinião é:

Excerto 7:

Ser brasileiro é valorizar a diversidade, estar sempre de braços abertos e

ajudar os próximos.

E sobre o que é ser japonês:

Excerto 8:

Os japoneses valorizam a harmonia e pensa (*sic*) de forma altamente cooperativa, porém sempre mantendo um certo distanciamento

Nota-se que a colaboradora possui um senso de identidade nipo-brasileira bastante definido, por não se identificar nem como japonesa e nem como brasileira. e baseado nas suas respostas sobre o que é ser brasileiro, japonês e nipo-brasileiro, é possível perceber que ela utiliza as “oposições culturais” exploradas por Shibuya e Serrano (2019), sendo que neste caso, para ela os japoneses são “cooperativos” e “distantes”, e os brasileiros são “abertos” e “diversos”. E sobre seu senso pessoal de identidade nipo-brasileira, entende-se que ela interpreta a cultura nipo-brasileira como uma verdadeira mistura das culturas brasileiras e japonesas, com itens e características das duas, não como algo *sui generis*.

### **5.1.3 Diferenças e semelhanças entre as duas colaboradoras**

As experiências de cada colaboradora possuem pontos em concordância e discordância entre elas. Ambas se identificam como nipo-brasileiras, mas enquanto a colaboradora 1 se identificava como brasileira no período em que esteve no Japão, a colaboradora 2 sempre se identificou assim durante sua vida inteira. A colaboradora 2 relata que já ouviu rótulos estereotipados, o que não aconteceu com a colaboradora 1. Ambas divergem entre si sobre qual língua consideram ter mais proficiência. Colaboradora 1 nunca teve dúvidas se era japonesa ou brasileira, sempre se aceitando como brasileira estando no Japão e nipo-brasileira após voltar ao Brasil. Entretanto, a colaboradora 2 já possuiu essas dúvidas, algo que se relaciona com a sua visão sobre o que é ser nipo-brasileira. E justamente no tocante a essa questão, nota-se uma diferença de opinião, possivelmente causada pela diferença de experiências enquanto estiveram no Japão: Colaboradora 1

demonstra que vê a cultura nipo-brasileira como algo distinto por definição, algo totalmente diferente de ser brasileiro e de ser japonês. Já a Colaboradora 2 interpreta a cultura nipo-brasileira como uma mistura de duas culturas, como se o nipo-brasileiro fosse uma parte tanto da cultura japonesa, como da cultura brasileira. Portanto, compreende-se que colaboradora 1 se sente distante do Brasil e do Japão, conforme ela menciona na entrevista e próxima da comunidade nipo-brasileira no Brasil. Enquanto a colaboradora 2 se sente próxima tanto do Brasil, quanto da comunidade nipo-brasileira, conforme mencionado posteriormente na entrevista, distante do Japão.

## **5.2 Análise das entrevistas**

Retomando o que foi apresentado anteriormente no item 4.4 sobre análise de entrevista semiestruturada tomando por referência Biasoli-Alves e Silva (1992). A entrevista se baseou mais em temas a serem discutidos, do que nas perguntas em si. Os temas foram:

- 1) História da família do colaborador
- 2) História de vida do colaborador
- 3) Ideias sobre o que é ser japonês
- 4) Ideias sobre o que é ser brasileiro
- 5) Ideias sobre o que é ser nipo-brasileiro
- 6) Ideias sobre a língua portuguesa
- 7) Ideias sobre a língua japonesa

### **5.2.1 Análise da entrevista da colaboradora 1**

A entrevista com a colaboradora durou cerca de 1 hora e 47 minutos e falou-se sobre os mais variados temas, todos com relação à identidade nipo-brasileira de alguma forma. Os tópicos foram: 1) História da família; 2) Memórias do Japão; 3) Volta para o Brasil 4) Identidade e Lugar de pertencimento.

#### **a) História de Família**

A colaboradora relata não saber quando seu avô chegou ao Brasil, mas supõe ter sido na década de 20 ou de 30. Porém, ela sabe que ele veio da província de Fukuoka aos 20 e poucos anos junto com outros irmãos, e que chegaram no porto de Santos, se dirigiram para trabalhar em Minas Gerais, e

exerceram outras profissões além do trabalho de lavoura. Algo raro para a época vide os relatos de Cantarino e Miura (2008), em que a grande maioria de japoneses permanecia em São Paulo justamente como trabalhadores agrícolas. Segundo a colaboradora, seu avô veio para o Brasil após receber promessas de enriquecimento rápido e fácil, tendo ouvido, inclusive, que por aqui se achava ouro com facilidade no chão. Para a colaboradora, essa (des)informação pesou bastante para o avô decidir imigrar. Esta realidade, de japoneses chegando ao Brasil crenes de enriquecimento fácil através do trabalho, foi explorada com Cantarino e Miura:

Os imigrantes japoneses, ao chegarem aos seus destinos, tinham o pensamento voltado para o enriquecimento rápido e retorno ao Japão. Essa ideia também era preconizada por aqueles que foram para a lavoura cafeeira em terras paulistas, porém, o panorama não era tão favorável para um enriquecimento rápido e seguro

(CANTARINO e MIURA, 2008, p. 39).

Após um tempo no Brasil, o avô da colaboradora planejava voltar para o Japão, pois ensinava a língua japonesa para os filhos. Inclusive chegou a entregar documentos de naturalização dos filhos nascidos no Brasil ao consulado japonês mas acabou tendo suas intenções frustradas pela interrupção das relações diplomáticas entre o Brasil e o Japão em função da Segunda Guerra Mundial. Dessa forma, adicionando também o fato de que no pós-guerra o Japão ficou totalmente destruído, o avô da colaboradora decide permanecer no Brasil, o que culminou por criar uma certa barreira linguística na família: os filhos que nasceram antes ou durante a guerra sabem japonês, enquanto os que nasceram depois (inclusive a mãe de colaboradora), não sabem ou aprenderam apenas posteriormente na vida adulta. A colaboradora informou também que ele voltou ao Japão algumas vezes ao longo da vida para visitar parentes, como irmãos que vieram junto com ele para o Brasil e que depois voltaram para o Japão. A colaboradora teve pouco contato com o seu avô, pois este faleceu enquanto ela ainda era criança e vivia no Japão.

A colaboradora tem muitos primos no Japão, e os filhos desses primos, todos nasceram no Japão. Seus primos ensinaram a língua portuguesa para os filhos, e os matricularam em escolas brasileiras, em função de terem o pensamento de voltar ao Brasil algum dia, algo que foi explorado por Tashima (2018), que afirmou que por vezes, o ensino da língua portuguesa no Japão se

relaciona com um desejo de voltar ao Brasil futuramente. Sobre a família de seu pai, a colaboradora informou que desconhece bastante, apenas mencionando que vieram de Okinawa.

### **b) Memórias do Japão e vida escolar**

A colaboradora foi para o Japão aos 5 anos. Ao ser perguntada sobre as primeiras memórias no Japão, ela imediatamente as define como “traumáticas”:

Excerto 9:

eu era muito apegada à minha mãe, e... a primeira memória que eu tenho são, tipo, dela me colocando numa van, (por) que ela ia trabalhar e eu tinha que ir pra escola. Ela não tinha me instruído muito antes disso, sabe?

Também foi perguntado se a colaboradora frequentava escolas brasileiras ou japonesas, e ela responde:

Excerto 10:

foi muito da questão financeira, cê sabe? Porque a escola brasileira... quando a minha mãe tinha emprego ela colocava na escola brasileira, quando a minha mãe perdia o emprego ela colocava eu (*sic*) na escola japonesa, era basicamente isso.

Nas primeiras escolas japonesas que frequentou, ela não sabia japonês muito bem ainda, e tinha muitas dificuldades para se comunicar, e por consequência, se sentia extremamente sozinha. Todavia, na última escola brasileira que frequentou antes de vir para o Brasil, a colaboradora se sentia muito acolhida, e possuía mais liberdade. Todos os professores e alunos eram descendentes de japoneses, nenhum não-descendente, algo que se relaciona com Tashima (2018) que afirmou que a presença de não-descendentes de japoneses no arquipélago é extremamente limitada.

### **c) Volta para o Brasil**

Depois de um tempo a família resolve voltar para o Brasil, para morar no interior de São Paulo, de onde saíram anos antes. A colaboradora relata como

foi um choque a realidade na nova escola, além dela estar uns anos atrasados em função da diferença do sistema escolar do Brasil e do Japão. Ela faz uma comparação de fatos que para ela foram difíceis de se lidar inicialmente:

Excerto 11:

pra mim foi muito difícil me adaptar por que tipo, a minha escola brasileira (no Japão) era 7 pessoas na sala e era muito livre, tipo, [...] eu podia lancha na sala, a gente até saía da escola pra sair pra *konbini* (loja de conveniência) [...] aí eu chego aqui (no Brasil), vejo vidro quebrado, grade pra todo lado, 40 pessoas numa sala, [...]. Foi um choque muito grande pra mim. Chegar, abraçar, dar beijo.

A dificuldade no novo ambiente vivida pela colaboradora foi mencionada por Yamanouchi (2014), quando afirmou que muitos dos descendentes quando vem do Japão para o Brasil na adolescência possuem pouco suporte para poderem superar as suas dúvidas de identidade, cabendo quase que exclusivamente a eles resolverem essa questão consigo mesmos.

A colaboradora informou que o que mais a ajudou nesse processo foram as amizades com outros nipo-brasileiras no ensino médio e através delas, ela se fez mais presente na comunidade nipo-brasileira de sua cidade, onde se sentia mais acolhida e pertencente, algo que ela já havia explicado no questionário. Isso é uma situação diferente da abordada na pesquisa de Okumura (2021), que focava na falta de pertencimento por parte dos nipo-brasileiros. Vemos aqui, que a colaboradora 1, ainda que com dificuldade de se sentir pertencente ao Japão ou Brasil, não possui essas dúvidas quanto à comunidade nipo-brasileira no Brasil. Após o final do ensino médio, a colaboradora estava decidida que iria fazer faculdade, e por isso veio estudar em Brasília.

#### **d) Identidade nipo-brasileira e lugar de pertencimento**

No Item 3.3.1 foi explorado o “limbo identitário” que por vezes descendentes de japoneses se encontram, que também pode ser aplicado à experiência da colaboradora:



Excerto 12:

cara, esses dias eu tava pensando muito, que tipo, nipo-brasileiro... não... é tipo: ‘você não é brasileiro aqui no Brasil, mas você não é suficiente japonês pra ser japonês’

Entende-se isso como uma manifestação do que a colaboradora marcou no questionário, que se sente mais nipo-brasileira do que brasileira.

A colaboradora também menciona como justamente quanto mais você sabe sobre a parte japonesa da família, mais fortes costumam ficar as crises:

Excerto 13:

eu acho que a confusão de identidade que alguns Nikkei (descendentes de japoneses) têm surge no momento que a gente se aprofunda mais na cultura japonesa. Quanto mais contato, mais dúvida surge.

Ela compara isso com amigos descendentes que não tem contato nenhum com a sua família japonesa e na sua opinião isso ocorre normalmente com “descendentes que não se parecem com japoneses”. Isto pode se relacionar com o pensamento de Ishikawa (2008), que afirma que os nipo-brasileiros no Brasil carregam o Japão como um símbolo que comumente é mencionado ou lembrado por quem não é descendente. A frequente menção a esse símbolo leva à procura das origens, o que gera a dúvida. Já isto por si, é corroborado por Ennes e Marcon:

“Os processos de localização social caracterizam-se, também, pela produção da diferença e do sentimento de pertencimento, de indivíduos e de grupos sociais, dando origem, em suas relações, às identificações. Essas relações são mediadas por fronteiras materiais ou simbólicas que funcionam como elementos definidores e demarcadores do eu/nós e do nós/outros”.

(ENNES e MARCON, 2014, p. 289)

Neste caso, o processo de localização social da colaboradora e de outros nipo-brasileiros é o de entender “se é brasileiro ou japonês” e a causa que leva isto é a fronteira simbólica frequentemente levantada por não-descendentes que diz “você é japonês (nipo-brasileiro) e eu não sou”. Ou seja, o relato da

colaboradora reforça o pensamento de Ishikawa sobre a origem da família (neste caso exemplificado pela colaboradora, também os fenótipos) como um dos elementos do “Símbolo do Japão”, também reforçando a ideia de Elias (*apud* SILVA, 2005) de que não se pode pensar em identidade sem pensar em alteridade.

Sobre sua relação com o Brasil, a colaboradora afirma que prefere ficar aqui, do que no Japão, mesmo se sentindo diferente de grande parte dos brasileiros:

Excerto 14:

eu me sinto um pouco deslocada [...] da cultura brasileira... samba, carnaval, festa, beber... [...] provavelmente porque enquanto eu estive no Japão eu não tive contato com isso. Eu morei 10 anos no Japão. Eu perdi muita coisa do que se passou aqui no Brasil. Então às vezes eu me sinto uma pessoa muito sem cultura entre os brasileiros, tipo, não sei as músicas que tocaram por aqui. Algumas chegaram no Japão, mas a maioria eu não sabia. E ainda hoje, eu voltei pro Brasil e eu não conheço muita coisa [...] eu prefiro muito a música japonesa, o entretenimento japonês.

Vemos aqui uma expressão da identidade transnacional da colaboradora. No caso específico dela, através do consumo do entretenimento japonês por durante sua infância e adolescência ter consumido mais isso do que entretenimento brasileiro. Esse é também um dos elementos mais comuns desse tipo de cultura analisado por Yamanouchi (2014). A colaboradora afirma que mesmo se sentindo diferente dos brasileiros, ela não pretende voltar ao Japão futuramente para morar.

Excerto 15:

morar lá, não me causa muita saudade, apesar de me sentir deslocada aqui... eu estudava meio período, meus pais trabalhavam das 8 às 20, então eu passava tipo, meio período na escola e o resto do dia e noite inteiro na casa, e meus pais tinham, tipo, apesar do Japão ser um país seguro, eles tinham muito medo que eu saísse na rua sozinha, por que tipo, menina... as amigas que eu fiz, tipo, de sair mesmo, foram aqui no Brasil, na comunidade Nikkei.

Ao ser perguntada onde a colaboradora sente que é o seu lugar, já que ela se sente deslocada da cultura brasileira e não pretende voltar para o Japão, ela responde sem retrucar: “Na comunidade nikkei aqui no Brasil”, reforçando a importâncias dessas entidades no acolhimento das pessoas na formação da identidade nipo-brasileira. Concluindo, ela tem um lugar de pertencimento concreto e existente, e nele ela se sente acolhida e que está entre seus semelhantes.

### **5.3 Análise da entrevista da Colaboradora 2**

A entrevista durou 1 hora e 20 minutos e tal qual na entrevista com a colaboradora 2, foram conversados diversos temas, todos com relação à identidade nipo-brasileira. Optou-se por separar a análise desta entrevista em seções diferentes em relação à primeira. A seções são: 1) História de vida da família; 2) Volta para o Brasil e vida escolar; 3) Identidade e inclusão.

#### **a) História de vida da família**

A colaboradora inicialmente relata a vinda de seu avô materno ao Brasil, que ocorreu de uma maneira conturbada. Segundo ela, seu avô, caçula de 9 irmãos, veio quando adolescente junto com uma irmã, e seu marido. Eles chegam ao Brasil em algum momento no final da década de 30, estabelecendo-se em São Paulo e trabalhando em lavouras. O avô da colaboradora ainda está vivo, e desde que veio ao Brasil, não morou novamente no Japão. Sobre a tia-avó, a colaboradora não tem informações, apenas supõe que tenha voltado para o Japão alguns anos depois da Segunda Guerra Mundial.

A colaboradora não sabe ao certo nem quando, nem o porquê, mas em algum momento na década de 60 ou de 70, seu avô vem com a família para o Distrito Federal, estabelecendo-se em uma colônia agrícola nipo-brasileira, fenômeno já mencionado e pesquisado por Hayashi (2008), sobre migrantes internos nipo-brasileiros de São Paulo vindo para o DF. O avô teve 5 filhos, alguns nascidos no interior de São Paulo, outros em Brasília. A colaboradora relata que a língua japonesa não foi repassada para seus tios e sua mãe em função de seu avô nunca ter tido a intenção de voltar ao Japão com a família, o que apresentou ser uma dificuldade para alguns destes quando foram ao Japão.

Quanto às memórias do Japão, a colaboradora informa que seus pais já haviam morado no Japão entre a década de 80 e 90, e que gostavam do país. Quando ela tinha 2 anos, eles retornaram para lá, permanecendo por exatos 10 anos. A colaboradora tem 1 irmão nascido lá. A colaboradora relata que entre a família lá, a língua portuguesa não era muito utilizada:

Excerto 16:

como eu tava lá desde pequena, eu já tava falando japonês, porque meus pais falavam comigo em japonês. Até os 11, 12 anos eu falava pouco português

Isso foi visto no questionário, em que a colaboradora informou que se sente mais proficiente em japonês do que em português. Entretanto, em determinado momento, a família decide retornar ao Brasil, e a colaboradora precisou se preparar para isso:

Excerto 17:

quando eu tava no Japão, aos 10, 11 anos eu frequentei uma escola de língua portuguesa. Tipo cursinho. Aí eu aprendi um pouco e eu vim pra cá. A gente chegou no meio do ano. A minha mãe ficou com medo de colocar eu e meu irmão na escola logo por que a gente quase não falava né.

#### **b) Volta para o Brasil e vida escolar**

Tal qual a colaboradora 1, a colaboradora 2 vivenciou um difícil período para se adaptar ao Brasil e à vida escolar daqui:

Excerto 18:

eu ficava com medo, eu não sabia de nada [...] no primeiro dia de aula... no Japão geralmente você tem essa cadeira né marcada. Aí eu tava vendo o pessoal sentando em qualquer lugar...

Como mencionado anteriormente, a colaboradora 2 não falava em português com os pais em casa no Japão. Como esperado então, a língua foi

uma grande barreira, em especial para fazer amizades. Ela relata que entendia o que se falava, mas não conseguia responder. Ou ainda, que entendia o contexto das conversas, mas não muito bem o conteúdo:

Excerto 19:

eu entendia. O que as pessoas falavam, me perguntavam, eu entendia o que se estava falando e também tipo, não tenho muita dificuldade de responder. Mas assim, os assuntos... que o pessoal falava... de futebol, de série, de novela... eu não entendia nada né. Então eu ficava 'tá, não tô entendendo é nada'. Se o pessoal fazia piada eu não entendia. Se o pessoal ria eu não entendia o porquê'

As primeiras experiências da colaboradora no Brasil foram difíceis, mas ela conseguiu superar as adversidades, como afirma:

Excerto 20:

Fiquei o... 7º ano, 8º ano, 9º ano tudo na escola particular. Só que foram duas escolas particulares diferentes, mas eu não conseguia me adaptar a nenhum dos dois. Eu tava meio que isolada, assim... [...] aí depois do no ensino médio que eu comecei a me acostumar, assim, mais... aí que eu comecei a conversar mais com o pessoal ter mais amigos. Ficou tudo mais divertido, tudo mais legal.

Novamente, vemos a questão do pouco suporte que os nipo-brasileiros tem para lidarem com questões identitárias após voltarem para o Brasil, pesquisado por Yamanouchi (2014) e identificado na primeira entrevista.

### **c) Identidade e Inclusão**

A colaboradora afirma que se sente mais nipo-brasileira do que brasileira, e que se sente incluída na sociedade brasileira, embora reconheça que em geral, a sociedade brasileira não vê os nipo-brasileiros como brasileiros, o que se relaciona com o que Yamanouchi (2014) e Okumura (2021), que exploraram apelidos, microagressões e estereótipos. Esses aspectos contribuem para

negar espaço na sociedade brasileira para nipo-brasileiros. A colaboradora exemplifica:

Excerto 21:

no Brasil, acho que já... acho que já tá acostumado né, de ter descendente (de japoneses) e de se conviver (*sic*), por que já tem muitos... [...] mas a gente ainda... ainda escuta muito apelido assim, tipo “japa”, nem todo mundo vai aceitar isso.

Excerto 22:

quando eu estudava no ensino médio mesmo, eu gostava de matemática e física, eram minhas matérias preferidas. Aí toda vez que eu tirava nota alta o pessoal falava “ah é por que você é japa”... eu ficava... “ah, então não é por que eu estudei isso aqui”.

A colaboradora compara que sempre sentiu dificuldade para se sentir inclusa na sociedade japonesa. Diferente da colaboradora 1, a colaboradora 2 frequentou apenas escolas japonesas enquanto esteve lá:

Excerto 23:

lá no Japão, quando eu... lá na escola, eles tinham uma sala... específica pra brasileiro [...] tipo... pra dar um auxílio, mas não fazia sentido esse auxílio. Na minha escola tinha eu e mais outros... 5 brasileiros

Ela relata sobre seus momentos de questionamento pessoal de identidade ainda criança no Japão:

Excerto 24:

quando eu era pequena, eu não me identificava muito como brasileira. tipo, eu

sabia que eu era brasileira porque o pessoal me tratava como brasileira... tipo... dentro da escola. Meu nome era escrito em *katakana*<sup>7</sup>, e os outros era em *kanji*. [...] eu sabia o *kanji* do meu nome então eu escrevia em *kanji* nos textos nas atividades, tudo. Mas mesmo assim o pessoal colocava em *katakana* por que... é estrangeiro, tem nome estrangeiro...

Ela afirma que na sua infância ela se identificava como japonesa pois sua família não possuía muitos “elementos” brasileiros. Em determinado momento da entrevista ela afirma, em tom de desabafo:

Excerto 25:

eu acho que sabia que eu não era japonesa, mas não conseguia aceitar isso.

Ela se sentia japonesa, mas a tratavam como estrangeira:

Excerto 26:

Meus professores, colegas, todos me tratavam normalmente, mas em... certos momentos específicos eu era tratada como brasileira.

Esses “momentos específicos” que a colaboradora menciona geralmente eram quando escreviam seu nome em *katakana*, e quando a chamavam pelo seu nome em português (a colaboradora possui dois nomes, sendo um em português, e um em japonês, como muito comum entre nipo-brasileiros). Apesar de afirmar que durante a infância ela se via mais como japonesa, no questionário ela havia respondido que se identificava como nipo-brasileira, possivelmente uma manifestação de seus questionamentos. Todavia, ela de fato marcou que passou por situações que a fazia se questionar se era brasileira ou japonesa, o que condiz com seus relatos.

<sup>7</sup> *Kanji* (caracteres chineses) e *katakana* são dois dos três sistemas de escritas da língua japonesa. Normalmente nomes japoneses são escritos com *kanji*, e nomes estrangeiros com *katakana*. Mesmo possuindo um nome e um sobrenome japonês, o nome da colaboradora era escrito pelos japoneses em *katakana*, por ela ser considerada estrangeira.

Ela afirma que com o tempo entendeu por que não se sentia inclusa na sociedade japonesa e aprendeu a se aceitar e se ver como nipo-brasileira, em especial após terminar o ensino médio e entrar no ensino superior:

Excerto 27:

quando eu voltei... pro brasil né eu não conseguia... me adaptar a esse cotidiano brasileiro. Então... nossa, eu... tive muita dificuldade. Com o tempo eu passei, muito... a me aceitar como nipo-brasileira. [...] no fundamental eu queria muito voltar pro Japão. Não queria ficar no Brasil [...] mas depois eu entendi: 'você pode ser tão bom... em japonês... você pode ser fluente, você pode falar como nativo mas no Japão você nunca vai ser considerado japonês

Esta fala da colaboradora tem relação com a pesquisa de Shibuya e Serrano (2019), sobre como a identidade nipo-brasileira é algo que pode levar tempo a ser aceita por quem a vive.

A colaboradora também relata as visões que o “outro” tem dela, novamente retomando o pensamento de Mead (1963) e de Elias (1991, apud SILVA, 2005) sobre não existir identidade sem alteridade e da descoberta da própria identidade através da socialização:

Excerto 28:

as vezes me falam 'você é mais japonesa do que brasileira', mas também eu não sou tão 'japonesa' quanto um 'japonês'. Eu gosto de ter contato (físico), abraçar a pessoa... [...] quando eu voltei do Japão eu não gostava disso, não gostava que a pessoa chegasse perto.

Na sua visão, a identidade nipo-brasileira é como se fosse uma mistura, uma amálgama das duas culturas, o que condiz com sua resposta no questionário. Ela traz um exemplo culinário do que é uma identidade nipo-brasileira para ela:



Excerto 29:

em casa a gente come arroz japonês com feijão. Tem até churrasco com *misoshiru*.

Por fim, a colaboradora afirma que sente fortemente que carrega tanto a cultura brasileira quanto a japonesa em si mesma, e que pretende voltar a o Japão futuramente para fazer pós-graduação, mas que pretende criar a vida no Brasil.

## **6 Considerações finais**

Neste capítulo, iremos retomar os objetivos específicos e as perguntas de pesquisa elaboradas para esta pesquisa. Serão apresentadas as contribuições do estudo, bem como as limitações durante seu desenvolvimento e sugestões para pesquisas futuras.

### **6.1 Retomando as perguntas de pesquisa**

Para a analisar a construção da identidade dos nipo-brasileiros foram elaboradas as seguintes perguntas de pesquisa:

- a) Na visão de um nipo-brasileiro, o que é ser nipo-brasileiro?
- b) Como pode se construir a identidade nipo-brasileira de netos de japoneses?
- c) Que problemas e percalços identitários passam os nipo-brasileiros ao longo da vida escolar?

### **6.2 Retomando os objetivos específicos**

Através das perguntas de pesquisa acima, procurou-se atender aos seguintes objetivos:

- a) Através das perguntas de pesquisa, esperou-se atingir os seguintes objetivos: Compreender os contextos histórico-sociais dos quais os nipo-brasileiros e seus ancestrais fazem ou faziam parte ao longo das décadas na sociedade brasileira e averiguar como isso influencia na sua própria identidade
- b) Analisar os relatos adquiridos e verificar a problemática das identidades brasileira e japonesa misturadas
- c) Comparar os relatos entre si e identificar os pontos em comum em diferentes experiências

### **6.3 Diferenças e semelhanças entre as colaboradoras**

Retomando as perguntas de pesquisa e os objetivos, inferimos que há ponta de semelhança e diferença entre as duas. Dentre os pontos de semelhança das duas colaboradoras, um dos mais marcantes foi a posição do “outro” como uma referência na formação e na descoberta da própria identidade, ou seja, a socialização, descrito por Mead (1963, *apud* SILVA, 2005) como um formador de identidade, foi uma peça fundamental na

construção da identidade nipo-brasileira de ambas as colaboradoras, o que também foi explorado por Okumura (2021). Trata-se de diferenças em relação a quem não é descendente ou a quem é japonês, que por hora são realçadas, mencionadas, ou levadas em consideração de forma não favorável, conforme como pesquisado por Ennes e Marcon (2014). Essa frequente menção à diferença leva a um entendimento de um delimitador, algo que separa o “eu/nós” do “ele/eles”, e que neste caso, foram essenciais para a construção do senso de identidade nipo-brasileira em ambas as colaboradoras.

No caso da colaboradora 1, ela não se sente totalmente brasileira no Brasil, em especial por nunca ter tido o costume de consumir cultura e entretenimento brasileiros, sentindo-se constrangida ao estar em ambientes com esses elementos, e não se sente japonesa, por sentir que lhe falta algo para ser de fato japonesa. Esse relato da sensação de “insuficiência” para se sentir japonês está presente em diversos momentos no documentário *Being Japanese*. No caso da colaboradora 2, vemos que no Japão ela frequentemente era lembrada de suas origens brasileiras por parte dos japoneses, em especial, quando escreviam seu nome sem *kanji*.

Outra semelhança foram as dificuldades que encontraram após voltar para o Brasil foram mencionadas de maneira quase que idêntica nos dois relatos. Ambas tiveram que procurar respostas de suas questões identitárias por si mesmas, o que se relaciona diretamente com a visão de Yamanouchi (2014), sobre como nipo-brasileiros que passaram uma parte da infância e/ou da adolescência no Japão têm pouco suporte para lidar com essas dúvidas. Todavia, a maneira com a qual cada uma lidou com isso foi diferente, com a colaboradora 1 encontrando suporte na comunidade nipo-brasileira, e a colaboradora 2 eventualmente se mudando a si mesma e incorporando novos hábitos até se adaptar a sociedade brasileira. Esta maneira de aculturação, é quase que idêntica a descrita por Rodrigues (2016, p. 7): o processo de contato entre grupos de indivíduos de culturas diferentes, que provocam mudanças em sua cultura original, necessitando formas de adaptação para que seja bem-sucedida.

O longo tempo levado para a formação da identidade nipo-brasileira, explorada por Shibuya e Serrano (2019), também é relatada pelas duas.

Vemos que até o final da adolescência e início da vida adulta de ambas as colaboradoras, elas ainda possuíam uma certa dificuldade em como compreender a si mesma. Colaboradora 2 é até mais específica nisso, mencionando que apenas entendeu que não seria vista como japonesa no Japão apenas após entrar no ensino superior (Excerto 27).

No caso das diferenças, uma marcante é como cada uma delas vê a identidade nipo-brasileira. Colaboradora 1 entende que é algo distinto por definição, algo que caminha separadamente de uma identidade brasileira ou japonesa. Colaboradora 2, no entanto, vê a identidade nipo-brasileira como ligada às identidades brasileira e japonesa e fazendo-se presente nas misturas dos elementos, como culinária, religião, amizades, entre outros. Isso pode, de certa forma, explicar a outra principal divergência entre os dois relatos: Local de pertencimento. Colaboradora 1 não se sente pertencente nem ao Japão, e nem Brasil, apenas à comunidade nipo-brasileira, o que faz entender sua visão da identidade nipo-brasileira como algo *sui generis*. Já a colaboradora 2 também não se vê pertencente ao Japão, mas se vê pertencente ao Brasil, mas admite que por vezes ela não será vista como brasileira. Apesar das diferenças em como elas entendem a identidade nipo-brasileira, ambas certamente possuem e cultuam uma identidade transnacional, como explorado por Yamanouchi (2014), através da vivência de elementos do Brasil, do Japão, e até mesmo da comunidade nipo-brasileira, ou seja, sem o corte de laços com nenhuma das culturas mencionadas na pesquisa.

#### **6.4 Contribuições e entendimentos do estudo**

Espera-se que esta pesquisa tenha ajudado para a melhor compreensão e melhor visibilidade do tema, ainda relativamente pouco estudado na Universidade de Brasília, mas com recentes contribuições valiosas como Okumura (2021) e Azevedo (2022).

Entendeu-se que a formação da identidade nipo-brasileira passa muito pela interpretação do “outro”, geralmente brasileiros não-descendentes de japoneses e japoneses não-descendentes de brasileiros. Em ambos os casos relatados, a interpretação desses grupos sobre os nipo-brasileiros em um primeiro momento gera dúvidas sobre si mesmo, e tais dúvidas levam eventualmente ao entendimento da identidade nipo-brasileira (há exceções e

casos em que as dúvidas continuam ainda na vida adulta), cuja interpretação pessoal pode variar de pessoa para pessoa, sem perder validação alguma.

Também ficou claro a falta de ajuda e suporte que as colaboradoras tiveram para lidar com suas próprias questões identitárias após voltar ao Brasil, tendo que lidar muito jovens com o “limbo identitário” comum entre nipo-brasileiros.

Por último, compreendeu-se, em especial através dos relatos das colaboradoras, os elementos que fazem da identidade nipo-brasileira uma identidade transnacional, em que geralmente os laços com o Brasil, com o Japão ou com a comunidade nipo-brasileira dificilmente são cortados e permanecem ao longo da vida.

### **6.5 Limitações do estudo**

A principal limitação do estudo foi o número de participantes. Inicialmente haviam sido contatados 3 colaboradores, mas apenas 2 se dispuseram a ajudar. Houve dúvidas se o trabalho pudesse ser concluído de forma coesa e íntegra com um número baixo de casos para analisar. Porém, no geral isso não causou problema algum, felizmente. Este trabalho não teve o objetivo de analisar a identidade nipo-brasileira especificamente em mulheres. O fato de todos os participantes da pesquisa terem sido do sexo feminino foi apenas uma coincidência.

Outro problema foi o baixo número de pesquisas sobre o tema no Brasil. De fato, há, pesquisas sobre nipo-brasileiros em diversas universidades pelo país, mas poucas falam sobre identidade na mesma linha que este trabalho planejava seguir. Este problema foi solucionado recorrendo a pesquisas em língua inglesa e língua japonesa sobre o tema.

### **6.6 Sugestões de pesquisas futuras**

Este trabalho focou em jovens de terceira geração (*sansei*, netos de japoneses), mas há de se pesquisar também a identidade em jovens de quarta geração (*yonsei*, bisnetos de japoneses), que moraram tanto no Brasil quanto no Japão. Esta pesquisa encontrou menções às questões de aculturação dos nipo-brasileiros após voltarem para o Brasil, mas não pode dar atenção a esse tema na análise por motivos de não ser esse o foco da pesquisa. Observo que

seja um tema ainda com pouco estudo no Brasil, e que certamente há necessidade de se pesquisar.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Maria Luiza Tokobaro. **Fenômeno bullying nas escolas do Japão e do Brasil: Estudo de caso de nipo-brasileiros**. Trabalho de Conclusão de Curso. Brasília: Universidade de Brasília, 2022.

ALVES, Zélia Mana Mendes Biasoli; SILVA, Maria Helena GF. **Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta**. Paidéia, Ribeirão Preto, jul/1992, p. 61-69.

**Being Japanese Part 1 of 2 | Full Documentary**. Gregory Lam. Produção: Gregory Lam. Youtube. 23/07/2022. 01:00:18. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=pmzWknYaNXg&t=246s>. Acesso em 13/12/2022.

**Being Japanese Part 2 of 2 | Full Documentary**. Gregory Lam. Produção: Gregory Lam. Youtube. 23/07/2022. 54:10. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=iYMmsiDsHrg&t=0s>. Acesso em 13/12/2022.

BUGARIN, Maurício. **Escola japonesa ou escola brasileira? A inserção de estudantes brasileiros na escola no Japão**. Tóquio: Embaixada do Brasil, 2016.

CANTARINO FILHO, Mário Ribeiro e MIURA, Hiromi. **Japão e Brasília: Imigração e Esporte**. Brasília: Thesaurus Editora. 2010.

DE SOUZA, Eneida Maria. **Sujeito e identidade cultural**. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 34-40, 2017.

ENNES, M.A. e MARCON, Frank. **Das identidades aos processos identitários: repensando conexões entre cultura e poder**. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 16, no 35, jan/abr 2014, p. 274-305.

ENNES, Marcelo Alario: **A construção de uma identidade inacabada: nipo-brasileiros no interior do Estado de São Paulo**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

GIL, Antônio Carlos. **Estudo de caso**. São Paulo: Editora Atlas, 2009.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Ltc, 1988.

HAYASHI, Shigeru: **Centenário da imigração japonesa no Brasil e cinquentenário da presença Nikkey em Brasília**. Brasília: Brasília: FEANBRA, 2008.

ISHIKAWA, Eunice Akemi. **Memória Brasileira e Memória Japonesa: a Identidade dos Nipo-Brasileiros**. Fuchū : Instituto de Relações Exteriores da Universidade de Estudos Estrangeiros de Tóquio, 2008. (Tradução de título feita pelo autor).

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

NONAKA, Mônica. De nipo-brasileiro a nipo-brasileiro-japonês: **Um estudo de caso de um retornante japonês do Brasil com foco na identidade e na língua de**

**herança**. Nara: Boletim N°23 do Laboratório em pesquisa dos direitos humanos da Universidade Tenri, 2020 (Tradução de título feita pelo autor).

OKUMURA, Sasha Sayumi dos Santos. **Relatos de uma identidade nipo-brasileira: o (não) lugar na sociedade brasileira**. Trabalho de Conclusão de Curso. Brasília: Universidade de Brasília, 2021.

RODRIGUES, Ana Maria da Silva. **Aculturação: dificuldade no processo de ensino e aprendizagem do aluno imigrante em Portugal**. Tese de Doutorado. Lisboa: Instituto Superior de Educação e Ciências, 2016.

SHIBUYA, Maki e SERRANO Daniel. **The Identity Perception among Young Japanese Brazilians Living in Japan: A Case Study about Learners of Portuguese as Heritage Language**. Nara: Bulletin of Nara University of Education. Cultural and Social Science v. 68, n. 1 p. 33-50, 2019.

SILVA, Ana Maria Costa. **Formação e construção de identidade (s): um estudo de caso centrado numa equipa multidisciplinar**. Tese de Doutorado. Braga: Universidade do Minho, 2005.

STEPAN, Nancy. "A Eugenia no Brasil – 1917 a 1940". 2004. In: HOCHMAN, Gilberto. & ARMUS, Diego (orgs). **Cuidar, Controlar, Curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe**. Rio de Janeiro: Ed.Fiocruz. p. 331-391, 2004.

TAKEZAWA, Yasuko. **O confinamento étnico forçado de nipo-americanos e movimentos para a conservação de sua cultura**. Tóquio: University of Tokyo Press, 1994 (Tradução de título feita pelo autor).

YONAHA, Tábata Quintana. **O PLH no contexto de emigrantes brasileiros no Japão: crenças e ações de mães brasileiras**. Dissertação de Mestrado. Brasília: Universidade de Brasília, 2016.

TASHIMA, Jesselyn Nayara. **Adaptação cultural de imigrantes brasileiros no Japão**. Tese de Doutorado. Brasília: Universidade de Brasília, 2018.

YAMANOUCHI, Yuko. **Cultura e Identidade em ambientes transnacionais - estudo de caso de nipo-brasileiros**. Osaka: Ibunkakankyouiku, v. 40, p. 34-52, 2014 (Tradução de título feita pelo autor).



## APÊNDICE

## Formulário de Identidade Nipo-Brasileira

### Introdução e orientações

Olá a você que aceitou participar desta pesquisa. Primeiramente devo expressar minha profunda gratidão por ter se colocado a disposição. Muito Obrigado!

Chamo-me Luís Henrique Pinho, curso Letras-Japonês na Universidade de Brasília e estou fazendo TCC sobre identidade nipo-brasileira. Gostaria de salientar alguns pontos:

-TODOS os colaboradores da pesquisa devem ser SANSEI, se por um erro de comunicação você se ofereceu para ajudar mas não for sansei, me avise por favor.

-Este formulário contém 4 seções, sendo a 1ª de instruções e avisos, a 2ª de informações pessoais do colaborador, a 3ª de 10 questões objetivas sobre identidade cultural e a 4ª de 4 perguntas subjetivas sobre identidade cultural.

-Todas as perguntas são consideradas obrigatórias para o envio do formulário.

-Todos os dados coletados através deste formulário não serão utilizados para nada que não seja de objetivo acadêmico ou educacional.

-Posteriormente, haverá também uma entrevista feita diretamente entre cada colaborador e o pesquisador, presencial de preferência, online se não for possível. A entrevista será marcada em local e horário agradável para ambas partes.

Você leu e concorda com os termos? \*

Li e concordo com todos os termos

Próxima

Limpar formulário

## Informações pessoais

Nome completo \*

Sua resposta

---

Data de nascimento \*

Data

dd/mm/aaaa 

---

Gênero \*

Masculino

Feminino

Outro: 

---

Local de nascimento \*

Sua resposta

---

Endereço de residência \*

Sua resposta

---

Área de Formação Acadêmica \*

Sua resposta

---

Província/região de origem dos avós \*

Sua resposta

---

Tempo de estadia no Japão \*

- 3 - 4 anos
  - 5 - 6 anos
  - 7 - 8 anos
  - 9 - 10 anos
  - Mais de 10 anos
- 

Há quanto tempo voltou ao Brasil \*

- 5 - 6 anos atrás
- 7 - 8 anos atrás
- 9 - 10 anos atrás
- Mais de 10 anos atrás

Escolaridade feita total ou parcialmente no Japão \*

Ensino Fundamental I 小学校

Ensino Fundamental II 中学校

Ensino Médio 高等学校

Ensino Superior 大学

Ensino Técnico 専門学校

Outro: \_\_\_\_\_

---

Você possui nacionalidade japonesa? \*

Sim

Não

Outro: \_\_\_\_\_

---

Você possui relação com alguma comunidade japonesa no DF (Ex.: ARCAG, Vargem Bonita, etc)? Se sim, diga qual. \*

Sua resposta \_\_\_\_\_

**Aspectos Identitários - Questões objetivas**

Você se sente incluída na sociedade brasileira? \*

Sim

Não

Outro: \_\_\_\_\_

Você se sentia incluída na sociedade japonesa, quando estava lá? \*

Sim

Não

Outro: \_\_\_\_\_

Alguém já questionou sua origem, nacionalidade ou cultura? \*

Sim

Não

Outro: \_\_\_\_\_

---

Você já teve dúvidas se era brasileira ou japonesa? \*

Sim

Não

Outro: \_\_\_\_\_

---

Você já foi rotulada indesejavelmente pela sua origem? \*

Sim

Não

Outro: \_\_\_\_\_

Quando você estava no Japão, como mais se identificava? \*

- Brasileira ブラジル人
- Japonesa 日本人
- Nipo-brasileira 日系ブラジル人
- Nenhuma das duas どちらでもない
- Outro: \_\_\_\_\_
- 

Atualmente no Brasil, como você mais se identifica?

- Brasileira ブラジル人
- Japonesa 日本人
- Nipo-brasileira 日系ブラジル人
- Nenhuma das duas どちらでもない
- Outro: \_\_\_\_\_

Você considera que possui mais proficiência geral em qual língua?

- Português
- Japonês
- Ambos
- Outro: \_\_\_\_\_



Em quais aspectos da vida pessoal você se identifica como japonesa? \*

Língua

Família

Amizades

Comunidade

Culinária

Entretenimento

Esportes

Literatura

Tradições

Hábitos

Religião

Dança

Outro: \_\_\_\_\_

Em quais aspectos da vida pessoal você se identifica como brasileira? \*

Língua

Família

Amizades

Comunidade

Culinária

Entretenimento

Esportes

Literatura

Tradições

Hábitos

Religião

Dança

Outro: \_\_\_\_\_

## Aspectos Identitários - Questões Subjetivas

Para você, o que é ser "nipo-brasileiro"? \*

Sua resposta

---

Como foi seu processo de aculturação após chegar ao Brasil? \*

Sua resposta

---

Para você, como se define uma pessoa japonesa? \*

Sua resposta

---

Para você, como se define uma pessoa brasileira? \*

Sua resposta

---